



“Questão Social, Pandemia e Serviço Social: em defesa da vida e de uma educação emancipadora”

Eixo temático: Classes sociais, geração e Serviço Social

O FUNDAMENTO DA SINGULARIDADE DAS IDADES: Uma introdução a partir de Georg Lukács

HINGRIDY FASSARELLA CALIARI ¹

Resumo: Será introduzido aqui a dimensão de fundamento no debate de gerações, a partir do tempo como categoria fundamental que sustenta a ideia de “irreversibilidade do caráter histórico do ser”, como aponta Lukács. Esse caminho teórico-metodológico traz para o debate também a importância das trocas intergeracionais como essenciais no desenvolvimento de relações de outro tipo, que não opressoras e repressoras. A partir da crítica da economia política coloca-se em xeque como vem sendo conduzido o debate de gerações, como expressão da questão social atribuída aos jovens, sem a dimensão de totalidade e as mediações que o fundamento, partindo dessa crítica, viabiliza.

Palavras chave: Juventude, Geração, Tempo, Idade, diversidade.

Abstract: The fundamental dimension in the debate of generations will be introduced here, starting from time as a fundamental category that supports the idea of “irreversibility of the historical character of being”, as Lukács points out. This theoretical-methodological path

¹ Profissional de Serviço Social. Secretaria Estadual De Direitos Humanos Do Estado Do Espírito Santo

also brings to the debate the importance of intergenerational exchanges as essential in the development of relationships of another type, which are not oppressive and repressive. From the criticism of political economy, it is questioned how the debate of generations has been conducted, as an expression of the social issue attributed to young people, without the dimension of totality and the mediations that the foundation, based on this criticism, makes possible.

Keywords: Youth, Generation, Time, Age, diversity.

Introdução

Ao longo deste trabalho é reforçada a necessidade de desenvolvimento de uma crítica que permita avanços ontológicos tendo como fundamento a crítica da economia política, no trato com às gerações, as relações intergeracionais e, portanto, à diversidade humana. Por esse motivo, e por entender que a qualidade ontológica interfere sobremaneira na vida concreta, porque sustenta formas de ser e agir, dado que a filosofia só tem sentido se se objetiva no ser, nas pessoas, na constituição das relações sociais concretas e portanto, nas políticas públicas também. As conclusões aqui dispostas procuram evidenciar caminhos deixados por filósofos como Lukacs, Marx e Heidegger para compreender o tempo como constituinte do ser em seu complexo. Negar avanços ontológicos entrelaçados a crítica da economia política necessários nesse campo, suprimir esse debate ou reproduzir concepções insuficientes dadas até então, podem sustentar ideias de cunhos depreciativos do humano, que se baseiam e se agarram em gnosologias embebidas na decadência ideológica (LUKÁCS, 2020a, 2018a, 2018b), na miséria da razão (COUTINHO, 2010) na sustentação dessa sociedade opressora e desigual.

Como afirma Mario Duayer (2016, 2015), a crítica da economia política, tendo como base também a crítica ontológica não deve deixar de existir, uma vez que, devido ao movimento da própria história e do ser humano-social, é sempre possível melhorar o que diz respeito ao ser das coisas, ou seja, é preciso qualificar a ontologia constantemente. Ela não se esgota, ela ontologicamente é movimento,

uma vez que o próprio humano está em transformação, portanto, tudo que envolve sua singularidade está também em movimento.

Trabalho e o caminho para compreensão do produto humano genérico, pertencente a sociedade

A necessidade de entender a dimensão do *ser* presente e sustentado nos estudos que pautam as gerações, as infâncias, as adolescências e juventudes, nasce da fundamental compreensão teórico-metodológica de *ser* tem-se promovido e sustentado a reprodução social, a convivência social, as relações, os estudos, a própria educação, as políticas públicas de juventudes, enfim, a vida em sociedade. Logo, aqui reside a indispensabilidade da crítica ontológica em sua forma mais geral, que, nos termos de Lukács (2018b, p. 60), “[...] deve incondicionalmente ser, portanto, uma crítica concreta, fundada na respectiva totalidade social e orientada para a totalidade social.”

Para tratar da reprodução e a tentativa de análise do *ser* imerso na sociedade capitalista contemporânea, resgato a categoria trabalho (LUKÁCS, 1981, 2018a, 2018b), colocado por Lukács (2018a, 2018b) como exemplo para a práxis humano-social. Justifico essa escolha como modo de pensar a reprodução social, ou seja, essa história contínua e irreversível, como aponta Lukacs (2018b) que se explica também pela localização do trabalho no momento do salto entre o animal superior e o homem, somados aos constatáveis avanços analíticos e científicos já realizados a partir dele, junto com a linguagem (ENGELS, 2001). Ao entender ontologicamente o trabalho, sua constituição, ou seja, entender uma categoria que acompanhou a evolução humana, e desmembrá-lo num processo abstrativo, é possível tomar o trabalho como exemplo categórico. A partir daí é possível deixar em evidência sua categoria central, a teleologia, ou seja, a capacidade de imaginar, criar, construir mentalmente antes de executar (LUKÁCS, 2018b).

Aliada à dimensão teleológica, pensando o trabalho ainda na perspectiva

lukacsiana (2018a, 2018b), estão as categorias da consciência, da necessidade, da alienação, do espelhamento da realidade, da gênese da liberdade que reside na possibilidade de escolhas, nas alternativas, compondo o campo de manobra em que estas se desenrolam, e as cadeias causais que são acionadas sempre que uma decisão singular, concreta e objetiva é exteriorizada pelo *ser*. Com elas está também, o produto humano genérico como resultado do esforço coletivo empenhado por toda a humanidade desde sua gênese, e do necessário entendimento de que ele, o produto humano genérico, deve ser de toda a humanidade, independente de questões de classe e diversidade. A negação do acesso ao produto genérico nosso, humano, é violência e se expressa, dentre outras formas, pela própria disposição preliminar de lugares a serem ocupados pelos sujeitos por suas características, sejam elas econômicas, físicas ou sociais.

É como se já estivesse dado o lugar a ser ocupado no mundo pelo *ser*, incluindo seus gostos - algo aparentemente tão próprio e singular - podendo a sua grandeza e determinando modos de vida. Assim como ocorre também com a profissão a ser trilhada, o instrumento que se quer tocar, o esporte que se pode jogar. Tudo previamente escolhido para cada *ser*, delimitando caminhos, cerceando escolhas, definindo vidas. Processo que para ser superado sugere um necessário acesso ampliado às possibilidades, à produção humano-genérica como um todo, sem delimitações econômicas, culturais e sociais. Isso contribuiria para ampliação do campo de manobra de cada *ser* e agiria na própria reprodução, em sua forma mais crua. Evidente que a necessária superação desse sistema capitalista se encontra aqui também, mas quero ressaltar as formas de reprodução que mesmo os movimentos de caráter mais progressistas acabam por viabilizar e reforçar ao traçar previamente *lugares a serem ocupados* pelas juventudes, infâncias, adolescências, também pelas pessoas idosas, seja na promoção do viés artístico, cultural, de trabalho, emprego, enfim na vida.

No movimento desse complexo categorial, que é acionado por decisões coletivas e também singulares, permeadas por ideologias, pela alienação, a história se constitui, a reprodução social é alavancada. A práxis humana é, assim, um complexo de múltiplas determinações, de múltiplas legalidades que se entrecruzam,

que não são passíveis de serem lidas e interpretadas a fim de produzir o efeito de previsão de consequência da ação, consequências das escolhas, indicando uma possível existência de determinabilidade no *ser*, entre outros fatores por não serem os mesmos complexos que constituem os diferentes seres, nem mesmo em se tratando unicamente do *ser social*. Mas ao contrário, a leitura de parte desse complexo categorial, porém, viabiliza a compreensão da existência de certa tendência na história humana, constituída pelo afastamento das barreiras naturais. O movimento do *ser* é o de tornar-se cada vez mais social sem abandonar sua base orgânica jamais (LUKÁCS, 2018a, 2018b).

A ontologia do *ser social* sustenta relações de outro tipo, não só entre os seres sociais, mas na interação complexa com o ambiente e todo o ecossistema. Sinaliza, para tanto, um caminho cultural/econômico e político, que se aprofunda e se refunda nas relações cada vez mais sociais e conscientes, próprias do *ser social* e que caso fundadas em uma ética universal são capazes de permear essas relações de outro tipo, não opressoras e violentas. Não existe mudança pelo viés da busca da supressão das desigualdades quando se parte de uma revolução econômica que não contempla a emancipação das relações, ou seja, sem uma verdadeira revolução também nelas e a dimensão das trocas intergeracionais está aí. Esse aspecto é sinalizado em diversos momentos por Lukács (2018b), ao descrever as relações entre homens e mulheres, crianças e adultos, jovens e velhos. As singularidades humanas, a diversidade humana, a questão das idades e a forma como as sociedades as potencializam, projetam, entre tantas possibilidades, um possível cotidiano revolucionário, decadente ou reprodutor da ordem em evidência.

O Tempo seja no ser e no espaço

Pensar o Tempo é fundamental para iniciar um caminho de compreensão sobre o *ser* e sua complexidade. Partindo do pressuposto que no mesmo instante que o tempo compõe o *ser* é também composto por ele, numa relação dialética de complementaridade e de constituição. Nessa mesma direção Milton Santos (1989) fala dos ritmos temporais diferentes presentes na vida urbana e alerta para

existência de ritmos hegemônicos e a presença de tempos por meio de formas e objetos que compõe o espaço/tempo da cidade, que foram e também que permanecem e por isso constituem determinado tempo e espaço.

Mas chegar a elaborar uma definição de *tempo* é tão complexo, instigante e improvável de o fazer quanto a elaboração de uma definição de *ser*, como já dito anteriormente, talvez esse tenha sido o dilema e desafio encontrado por Heidegger (2005) que o motivou a aprofundar a ontologia em *Ser e Tempo*. Mas assim como ele próprio, Heidegger, afirma, há uma impossibilidade de conhecer a lógica definidora para o *ser*, seu conceito, e isso, para ele, não suprime o problema de investigação do *ser*, o tempo requer esse mesmo zelo de não suspender o problema, buscando entender seu movimento. Nessa dimensão Heidegger afirma “A interpretação do tempo como o horizonte possível de toda e qualquer compreensão do ser em geral é sua meta provisória” (p. 24)

Esse tempo complexo, aqui em questão, é refletido em problema constituinte do *ser* biológica e socialmente de forma a inviabilizar a separação dessas dimensões, que apenas aparecem de forma separada para fins de análise, dado que o tempo é social. No capitalismo contemporâneo, cercado pelo ultraneoliberalismo, pelo avanço do neoconservadorismo, do irracionalismo, ou seja, pelas dimensões que se efetivam o tempo e espaço atual, o tempo constituinte do *ser* é contado como um tempo produtivo, útil e capaz de produzir valor, e valor a ser apropriado. Esse tempo, portanto, constituinte do *ser* é evidente biológico dado que ele, o *ser*, é um sujeito finito e é cada vez mais social sua apropriação e uso, é portanto encarado como um tempo de produção que se realiza a partir de uma relação social mercadológica em que quem vende o faz por sobrevivência. Ou seja, não há no sistema capitalista sobrevivência possível sem a venda da força de trabalho pelo trabalhador, já sinalizava Marx (2013). Entender as limitações impostas ao *ser* em suas diferentes idades, nessa troca intergeracional dentro dessa dinâmica de sociedade é parte necessária da estratégia de desmantelamento dessa organização social que inviabiliza a vida em plenitude, mas faz uso desse tempo do *ser* genérico para construção de riquezas apropriadas por poucos e essa apropriação é especialmente da classe trabalhadora que somente sobrevive e se sustenta por e

pelo trabalho, pela venda da força de trabalho.

Quando Ailton Krenak (2020) afirma que o amanhã não está a venda e que a vida não é útil ele traz para a dimensão da reflexão do *ser* também a questão do tempo e da vida agregando aspectos referentes as amarras produtivas que nos cercam e são, nessa sociedade, essenciais para a sua própria sobrevivência e reprodução desse sistema. O pensar a vida a partir de uma dimensão de não utilidade é caminhar na contramão do produtivismo, da vida descartável, da produção destinada a acumulação ilimitada, da destruição do ecossistema para a acumulação desenfreada de valores, como tem sido feito hegemonicamente até então. E esse questionamento precisa ser também colocado no âmbito das relações intergeracionais, em todos os seus aspectos sejam eles formais ou informais.

Portanto, refletir o tempo na constituição do *ser* e na sua imersão no tempo/espço é entender que por ele são projetadas também amarras sociais que são limitantes, mas também nele contém a possibilidade de emancipação, de quebra, de revolução. Na dimensão das gerações, o tempo, portanto, no sentido de atravessamento no *ser* está em constante transição seja transversal ao dominado ou dominante em termos de idade, sujeito em parte como em tempos declaravam o infante ou inteiro adulto, ou mesmo tido como sobranje quando a força física, a concentração e a memória já não correspondem ao padrão produtivo desejado. Na constituição do *ser* o tempo é movimento, é transição e nos diferentes ritmos estão também a potência de mudança.

A forma como cada sociedade estabelece parâmetros de interação com as idades é singular, e isso não é novidade no debate de gerações, mas o que é essencial aqui é entender que essas formas de interação entre as idades indica e contribui também com a reprodução social, ou seja, por ela uma série de valores, convicções e instituições sociais são reiteradamente legitimadas (Caliari, 2021). Conforme sinaliza Lukács (2018b) a história é irreversível, portanto, a reprodução social passa impreterivelmente pela troca entre os sujeitos já viventes, seja de um mesmo tempo espaço ou em tempos passados ilimitadamente, seja por meio de trocas orais, experiências, materiais visuais, leituras e acesso a produtos deixados em outros tempos espaços, ela é constituída na troca e no acesso ao produto

humano genérico que é de todas/os/es. O fato primordial aqui é que essa troca e esse acesso acontecem constantemente, entender como fundamento o complexo de relações que o sustentam a partir da irreversibilidade da história já é um primeiro passo para compreender a importância do tempo e do ser nesse movimento.

A crítica aos estudos das juventudes, das gerações

Muitos estudos sobre as juventudes, inclusive os realizados por Karl Mannheim (1968, 1993) e José Machado Pais (2013), bastante utilizados na contemporaneidade, são prejudicados exatamente aqui: ao definir determinabilidade aos atos das juventudes, em si tão diferentes. Eles tentam, de forma geral, prever características das/dos jovens ou capacidades, evidenciando uma espécie de centralidade do tempo no ser, da singularidade da idade, sem partir de uma ontologia do ser, logo, genérica, que sustente a diversidade e o complexo categórico que o constitui independente da idade. O ponto de partida para esses autores são as idades, o que envia os seus estudos. É necessário considerar que antes de serem jovens, eles são seres humano sociais. Nesse sentido, é fundamental compreender toda a complexidade categorial e de legalidades que permeia o ser social, antes de se chegar a questões que dizem respeito às idades, ao tempo.

A sustentação para a explicação das infâncias, adolescências e juventudes por elas mesmas, ou seja, numa suposta centralidade das idades nas análises, sem considerar a dimensão da crítica econômico social, da inserção social, ou seja do tempo/espaço, tem como base o próprio movimento das ciências sociais e das suas especializações no pós-1848, que fez com que a *parte* fosse assumindo mais importância que o *todo*, e, em muitos momentos, o *todo* foi desconsiderado no processo do conhecer. Isso também fez com que as ciências se distanciassem umas das outras, redundando em fossos analíticos que prejudicaram e continuam prejudicando o alcance da verdade objetiva, que se dá no entrecruzamento das ciências, já que a vida, a história e a sociedade se constituem nesse interim.

Além disso, de forma geral, a sociologia foi conquistando nas ciências sociais no pós-1848, na construção permanente de conhecimento, como já sinalizado, o lugar de suporte à sociedade burguesa, aliada a respostas imediatas aos problemas advindos da industrialização. Embora resultado de um processo revolucionário, as ciências modernas burguesas apresentaram como produto exatamente o que havia criado a necessidade de superação dos estudos enviesados e reduzidos dos tempos antigos: a vinculação extremada à reprodução das relações como elas se encontravam, favorecedoras de privilégios (COUTINHO, 2010).

Ao invés de considerar as determinações gerais, as expressões nascidas da questão social, inclusive o movimento de afirmação do capital, de sustentação de relações de outro tipo, de opressões e repressões ao ser do trabalhador para se fazer moldado aos interesses das indústrias, em grande parte os estudos estacionaram suas lupas investigativas na aparência de determinados fenômenos. Assim, começaram a ser moralmente tratadas, individualizadas nos sujeitos humanos, questões que eram e são conjunturais, sistêmicas. Foi assim que expressões da questão social foram sendo atribuídas aos jovens individualmente e coletivamente, como compondo esses sujeitos tão diversos, partindo deles e não relacionados ao mundo ambiente conjuntural em que se inseriam.

As juventudes em si não apareciam como tema das investigações acadêmicas. Ao contrário, inicialmente ganharam destaque os fatos identificados como problemas, como expressões da questão social aliadas à expressão cultural e de vida das próprias juventudes, como, por exemplo, a música, o estilo urbano, o questionamento à cultura mercadológica, a contraposição, o uso e abuso de psicotrópicos, o desemprego e a convivência em grupos nos espaços públicos, entre outros, em especial quando incomodavam a alta sociedade ou questionavam a sua forma de vida (WILLIS, 2014). Elas só se adensaram quando os pesquisadores buscaram entender esses comportamentos tidos como desviantes já de antemão deformações, expressões que fugiam à regra geral, escapavam ao disciplinamento pregado pelas regras sociais. O que chama a atenção é que as conclusões desses trabalhos, em sua maioria, caminhavam para o enquadramento, a disciplinarização dos sujeitos que não se adequavam as regras sociais estabelecidas (PARSONS,

1968; EISEINSTAD, 1968).

Ao dar destaque às idades e à geração, autores mais recentes, não vinculados aos estudos tradicionais da origem da sociologia da juventude, afirmam uma espécie de pluralidade, de diversidade das juventudes, com base já nos culturalistas ingleses (WILLIS, 2014; HALL, 2003), dentro de parâmetros também reducionistas preestabelecidos, relativizando conceitos, colocando pesos em signos, em características, em consumos, na moda. E essa abordagem também não tem como dar conta da complexidade do ser, mesmo se autoafirmando pluralista. Evidente que houve avanços e eles se localizam especificamente na possibilidade de sustentar a diversidade das juventudes e de tentar superar um estigma de problemas que as circundavam. Com a ideia de culturas juvenis, a vertente culturalista inglesa se sobressaiu aos estudos estadunidenses ao apresentar argumentos mais plurais e críticos no interior daquilo que era a sociologia da juventude até a década de 1970 (CALIARI, 2021). Um grande avanço dado pelos estudos culturalistas foi a aproximação com as juventudes trabalhadoras e as expressões culturais próprias das/dos jovens daquela época, a exemplo dos hippies e dos motociclistas.

A pluralidade, questão também levantada pelo culturalismo, é constantemente reduzida à utilização do termo juventudes no plural, assimilada a partir de expressões próprias de um ideal de juventude. Características plurais gerais que informam socialmente o que é ser jovem, identitariamente, o que por si só destrói a complexidade do *ser* que perpassa irrestritamente todas as idades. Ocorre que geração acaba sendo previamente entendida na sociologia da juventude como um axioma, como um intervalo entre idades localizado no tempo e espaço que diz muito por si mesmo, reforçado pela própria teoria das gerações de Mannheim (1952). No entanto, é indicado que o termo geração poderia ser melhor apreendido se associado somente a determinado tempo/espaço, ao contextual complexo considerando todos os seres imersos a dada contexto, de todas as idades que perpassam certo tempo histórico. Afinal, todos partilham as experiências de um mesmo tempo, a partir de apreensões e ritmos diferenciados traçados por tantas outras categorias.

Para exemplificar, geração como tratada pela teoria mannheimiana (1952), é entendida como um intervalo entre idades localizadas num certo tempo e espaço e assumindo preponderância na análise, é o que dá sustentação a conceitos como geração X, geração Y, os *millenials*, *boomers*. Ou seja, são formas de entender um bloco ideal de juventude que exterminam as diversidades, que dão respostas rápidas a questões que necessitam de maior aprofundamento, que caracterizam e estabelecem comportamentos e homogeneizam todo um coletivo de jovens a partir de sua data de nascimento. Ou seja, expressam a construção de mitos de sujeitos que no cotidiano concreto não afirmam essa homogeneização. São estudos que satisfazem o leitor por conglomerar características econômico-sociais em um grupo de jovens, a partir de questões aparentes, e, assim, identificam similitudes ao que tem assumido preponderância em determinado tempo e espaço no contextual social. Mas, efetivamente, não representam nem a situação concreta nem apresentam ganhos analíticos.

Conforme aponta o filósofo italiano Emanuele Coccia (2020), essas classificações não têm nenhuma base na realidade social: “A experiência do presente não é de ninguém, mas de todos, muito jovens ou muito velhos”.²

O de resgate de teorias tradicionais na contemporaneidade, em especial a das gerações desenvolvida por Mannheim (1952) e de contínua propagação de pesquisas de cunho empirista e pragmático (LUKÁCS, 2012, 2010) é aliado ao movimento, citado anteriormente, da decadência ideológica (LUKACS, 2018a, 2018b, 2020) e da miséria da razão (COUTINHO, 2010). Isso ocorre em razão de uma escassez de trabalhos envolvendo gerações centrados na crítica da econômica política, com base ontológico-crítica tomada em muitos casos como superada, já suficientemente desenvolvida. Os estudos de fundamento, sobre a origem do ser não estão superados, como se pensava, nem no que diz respeito ao ser genérico nem muito menos pensando suas singularidades como a transversalidade do tempo, as idades, sustentando sua diversidade, que durante tanto tempo foram

2 Fragmento de texto no original francês: “*Boomers, millennials et autre signes ésotériques: ces classifications ne reposent sur aucune réalité sociale. L’expérience du présent n’appartient à personne, mais à tous, très jeunes ou très vieux*”. Disponível em: <https://www.liberation.fr/debats/2020/09/11/generation-x-ou-y-ca-n-existe-pas_1799205/>. Tradução minha. Acesso em: 16 fev. 2020.

desconsideradas pela história e pela convivência social também.

No que diz respeito às juventudes, isso fica ainda mais evidente na descrição de como elas foram se tornando objeto de estudos e colocadas de forma apartadas do contexto social, estrutural, econômico, cultural e político, bem como das próprias questões humanas que as envolvem. Em determinados estudos as/os crianças e jovens eram considerados como seres em construção, sugerindo certa incompletude, fato que só prejudicou a afirmação de uma ética entre as relações intergeracionais, imprescindível para o desenrolar de uma sociedade mais justa e humana, para a emancipação política e também humana.

Tal incompletude, acaba por ser subjetivamente reforçada, por estudos como os de Mario Margulis e Marcelo Urresti (1996), que sugerem que as juventudes são permeadas por maturidade biológica e imaturidade social, o que faz com que os autores sustentem uma ideia de que o tempo da juventude é um ensaio para vida, que determinada parcela da população usufrui, chamado por eles de moratória social. No entanto, a vida não é um teatro; ela tem consequências concretas, reais, diversas e penosas, especialmente se entrecruzadas as singularidades da idade com as referentes ao gênero, a sexualidade, a questões étnico-raciais e de classe.

Essa ideia de incompletude que permeia a singularidade das idades, tem consequências negativas na vida em suas diferentes dimensões, já que inviabiliza a convivência ética entre os seres, que é capaz de sustentar as potencialidades existentes em cada um. Ao contrário, a sustentação da incompletude, estabelece e fortalece desconsiderações às singularidades, causando invisibilidades sociais e disputas entre as idades, no extremo promovendo até mesmo a violência. Há uma espécie de preconceção de que as crianças e os jovens precisam aguardar pra viver, para participar socialmente, para ser considerados, ouvidos e entendidos como ser, tendo em vista que ainda não estão prontos pra a vida social. E por esse motivo podem ser inclusive violentados de diferentes maneiras, até entenderem como a sociedade adulta deseja que seja seu comportamento (CALIARI, 2021).

E assim, nessa relação entre as idades, não são consideradas as potências existentes em cada singularidades, mas há um reforço aos seus limites. A partir deles, dos limites, são desenhadas as estratégias de reprodução social, que se

articulam na sustentação de uma ontologia medíocre, pela qual somente viabilizam a continuidade da sociedade como ela se encontra, com reforço dos privilégios ancestrais. Ou seja, a sociedade caminha para impedir o novo de nascer, estabelecendo um limbo para as infâncias e juventudes em sua vida social e nas trocas intergeracionais (CALIARI, 2021).

Portanto, as vozes ouvidas são as dos adultos produtivos. Aos idosos a limitação é desenhada no sentido de facultar o falar, o participar, o se posicionar, afinal não produzem mais economicamente, e a vida numa sociedade capitalista, quase sempre, se reduz à produção do valor de troca. Assim a sociedade sustenta uma ideia produtivista de ser humano em que só é considerado *ser* completo quando adulto produtivo, desconsiderando a potência existente em *toda* a sua história de vida (CALIARI, 2021).

É evidente, portanto, que as sociedades desenvolveram e continuam desenvolvendo em toda a sua história aparatos limitantes para as juventudes. Contudo, não trato aqui dos limites conforme aquele sentido que sugere crescimento e desenvolvimento ao *ser*, mas aos que indicam invisibilidade, incompletude, repressão e disciplinamento, em especial das juventudes da classe trabalhadora, que carregam o peso da privacidade violada, da consequência desmedida, do não desejo, do não sonho, que outras não atravessam. Aliado a essa invisibilidade social programada soma-se o não direito de acesso à produção humano genérica, como dito anteriormente.

Com isso reproduzimos deliberadamente as relações ainda permeadas e sustentadas por uma ontologia arcaica, sem desmembrá-la, macerá-la, debatê-la, questioná-la em diversos momentos, inclusive ignorando-a. E isso em nada contribui para avançar no sentido da constituição de argumentos e caminhos que conduzam a sustentação de uma ética universal, que aja na transformação das relações, entendida aqui como a alternativa concreta, urgente e viável de caminho para uma outra sociedade, não centrada no mercado. Sem entender a urgência do avanço ontológico por meio da crítica da economia política, o debate das idades e outras singularidades, somada ao seu impacto na reprodução social, contribuimos para a manutenção dessa sociedade como ela se encontra.

A idade, as gerações, e as demais singularidades humanas, como gênero, etnia, sexualidade, diversidade de corpo físico e intelectual, e nacionalidade, são complexos que agem conjuntamente a partir de suas próprias e múltiplas legalidades, embebidas nas condições socioculturais, geográficas, econômicas, de classe, influenciando as alternativas disponíveis a cada ser. Ou seja, as singularidades impactam a ampliação ou retração do campo de manobra de cada sujeito e agem sobre a disposição de alternativas individuais e coletivas. Assim é que essas singularidades estão presentes na gênese da liberdade, na realidade concreta e objetiva de cada ser, no seu cotidiano, nas escolhas possíveis a cada um individualmente e coletivamente. As mudanças nas relações sociais ocasionadas pela aproximação necessária com uma ética universal, fazem com que as dificuldades surgidas das intolerâncias e opressões às diferenças comecem a ser reveladas e nomeadas para serem superadas (CALIARI, 2021).

Breves considerações

Uma chave analítica aqui evidenciada se localiza na afirmativa de que o ser humano é um ser que dá respostas a todo momento. Vale então destacar que há, como ponto central das questões aqui apresentadas, diferenças nas respostas dadas pelas juventudes às questões cotidianas que lhes são apresentadas, por sua vez também impactadas por um complexo multideterminado. Longe de tentar decifrá-las, e cair no mesmo erro de autores tradicionais, quero sinalizar que as diferenças no campo de manobra das juventudes têm limites estabelecidos e são impactadas pelas próprias sociedades em que estão inseridas, ou seja, pelo tempo/espço, não sendo, portanto, características e limites dos sujeitos, mas construções sociais. Limites esses que influem sobremaneira na reprodução social e no acesso ao produto humano genérico.

Políticas afirmativas de todo tipo agem no sentido de minimizar essas rachaduras sociais, e acabam por potencializar determinadas mudanças nas relações humanas na direção de uma ética. Mas ainda há muito a ser feito, sobretudo considerando que o próprio sistema em voga, que vive da concorrência, da usurpação do tempo, da opressão, da comparação, da homogeneização das

diferenças, da sustentação de hierarquias, das desigualdades e do poder, se mante a partir do resultado dessas relações humanas amesquinhas.

A potência da singularidade das idades, da transversalidade do tempo no ser e portanto, das trocas intergeracional torna evidente o necessário entendimento das categorias constitutivas do movimento da reprodução social. Por isso reforço novamente, como resultado do próprio avanço da crítica ontológica das juventudes, a importância da defesa dessa potencialidade da singularidade das idades. Defesa essa que precisa inclusive fazer parte do mote das nossas lutas, da luta da classe trabalhadora, pela importância que as juventudes e as trocas entre as idades carregam no processo de reprodução social.

A geração é uma categoria histórica que de forma ontologicamente fundada sofre influências de categorias primeiras, como o próprio trabalho e a linguagem, e da teleologia na práxis, e não deve assumir centralidade e unilateralidade na configuração do *ser*, dado que ele é mais que a transitoriedade da idade, mais que o tempo que o atravessa, mais que a manipulação da sociedade mas também o é manipulação, como nos lembra Bourdieu (1983). Em se tratando do ser e da sua complexidade, nenhuma categoria deve ser colocada de forma central, nem idade nem tempo. Tendo em vista que o ser propriamente dito é um complexo de complexos, não tem uma legalidade determinada univocamente por categoria alguma. A certeza que perpassa esse entendimento é unicamente a tendência de afastamento das barreiras naturais, do ser se tornando a cada tempo mais social.

Essa é a centralidade do esforço analítico empreendido até aqui: a necessidade de entender que a diversidade das infâncias, adolescências e juventudes, ou seja, a transversalidade do tempo no ser é sustentada na própria diversidade do ser social e isso reforça a inviabilidade de sua conceitualização, mas sinaliza a necessidade de constante aprofundamento nesse objeto. Parte daqui também o impulso para entender o motivo das análises vazias sobre as idades, que precisam de mais empenho em busca da totalidade para se travar efetivas análises do cotidiano, das expressões da questão social e do próprio ser social em suas diferentes singularidades.

Referências

BOURDIEU, Pierre. A Juventude é apenas uma palavra. In: _____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRASIL. **Estatuto da Juventude**. Lei nº 12.852 de 2013. Brasília: 2013.

NETTO, José Paulo (Org.). CARVALHO, Maria do Carmo Brandt de. O conhecimento da vida cotidiana: base necessária à prática. In: _____. **Cotidiano: conhecimento e crítica**. São Paulo: Cortez editora, 2011.

COCCIA, Emanuele. Génération X ou Y, ça n'existe pas! Libération. Disponível em: <https://www.liberation.fr/debats/2020/09/11/generation-x-ou-y-ca-n-existe-pas_1799205/>, Acesso em dez. 2020.

_____. **A vida das plantas: uma metafísica da mistura**. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.

COUTINHO, Calor Nelson. **O estruturalismo e a miséria da razão**. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

DAVIS, Angela Yvonne. **Democracia da abolição: para além do império, das prisões e da tortura**. Trad. A. Neves Teixeira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

DUAYER, Mario. Jorge Luis Borges, filosofia da ciência e crítica ontológica Verdade e emancipação. In: TORRIGLIA, Patricia Laura; MULLER, Ricardo Gaspar; LARA, Ricardo; ORTIGARA, Vidalcir (Org.). Florianópolis: Editora em Debate, 2015. p. 51-78.

_____. Marx e a crítica ontológica da sociedade capitalista: crítica à centralidade do trabalho. **Verinotio – Revista On-line de Filosofia e Ciências Humanas**, [s.l.], out. de 2016.

EISENSTADT, Shmuel. Grupos informais e organizações juvenis nas sociedades modernas. In: _____. **Sociologia da juventude IV**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1968.

ENGELS, Friedrich. Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem. In: Marx, Karl; ENGELS, Friedrich. **Obras escolhidas**. São Paulo: Editora Alfa Ômega, [s.d.]. v II.

GOLDMANN, Lucien. **Ciências humanas e filosofia: o que é sociologia?** São Paulo: Diefel, 1986.

HALL, Stuart; JEFFERSON, Tony. **Resistance through rituals: youth subcultures in post-war Britain**. Birmingham: Taylor & Francis e-library, 2003.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. São Paulo: Editora Vozes, 2005.

HOBSBAWM, Eric John Ernest. **A Era das Revoluções 1789-1848**. Edição: Paz e Terra; São Paulo, 2012.

KONDER, Leandro. **Introdução ao fascismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

KRENAK, Ailton. **O Amanhã não está a Venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LESSA, Sergio. Lukács: trabalho, objetivação, alienação. **Trans/Form/Ação**, Marília (SP), v. 15, p. 39-51, dez. 1992.

LÖWY, Michael. Lucien Goldmann ou a aposta comunitária. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 9, n. 23, p. 183-192, 1995.

_____. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento**. São Paulo: Cortez, 2007.

LUKÁCS, Georg. **II Momento Ideale Nell'Économia e Sulla Ontologia del Momento Ideale**. Trad. M. A. Borges. Roma: Editori Riuniti, 1981.

_____. **Para uma ontologia do ser social I**. Edição: Boitempo. São Paulo, 2012.

_____. **Prolegômenos e para ontologia do ser social 13**. Maceio: Coletivo Veredas, 2018a.

_____. **Para a ontologia do ser social volume 14**. Maceió: Coletivo Veredas, 2018b.

_____. **A destruição da razão**. São Paulo: Instituto Lukács, 2020a.

_____. **Essências são os livros não escritos**: últimas entrevistas (1966-1971). São Paulo: Boitempo, 2020b.

MANNHEIM, Karl. O problema sociológico das gerações. In: _____. **O problema da sociologia do conhecimento**. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1952.

_____. El problema de las generaciones. **Revista Española de Investigaciones Sociológicas-REIS**, [s.l.], n. 62, p. 1930242, 1993.

_____. O problema da juventude na sociedade moderna. In: _____. **Sociologia da juventude**, vol. I. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

MARGULIS, Mario. Introdução. In: _____ (Org.). **La juventud es más que una palabra**. Buenos Aires: Biblos, 1996. p. 9-11.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl. **O capital**: o processo de produção do capital. Livro I. São Paulo: Boitempo, 2013.

MESZÁROS, István. **Estrutura social e formas de consciência**: a determinação social

NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

_____. **Lukács e a crítica da filosofia burguesa**. Lisboa: Seara Nova, 1978.

PARSONS, Talcott. A classe como sistema social. In: _____. **Sociologia da juventude III**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

PAIS, José Machado. **Culturas juvenis**. Lisboa: Editora Casa da Moeda, 2003.

PONTES, Reinaldo Nobre. **Mediação e serviço social**: um estudo preliminar sobre a categoria teórica e sua apropriação pelo Serviço Social. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, Milton. O Tempo Nas cidades. In: **Estudos sobre o Tempo**: O Tempo na Filosofia e na História. São Paulo: IEA/USP, 1989.

TONET, Ivo. **Método científico**: uma abordagem ontológico. Maceió: Coletivo Veredas, 2016.

WILLIS, Paul. **Profane culture**. England: Princeton University Press, 2014.